

## OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS SOBRE A LUA NA COMUNIDADE JARDIM:

reconhecendo saberes para afirmar direitos

*Rodrigo dos Santos Crepalde  
Diones Ferreira Carvalho*

### Resumo

As práticas sociais desenvolvidas no cotidiano dos camponeses estão povoadas de diversos conhecimentos produzidos através de profundas observações do mundo natural, transmitidos e reelaborados de geração em geração. Este trabalho teve como objetivo construir um mapeamento intercultural dos conhecimentos tradicionais relacionados à influência da Lua em práticas sociais desenvolvidas por moradores da Comunidade Jardim, no município de Rio Pardo de Minas, região Norte do estado de Minas Gerais. Adotou-se a metodologia da pesquisa qualitativa e construção do mapeamento intercultural dos conhecimentos tradicionais e para obtenção das informações foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade. Por fim, foi realizada uma apresentação, no salão da Associação dos Pequenos Agricultores Familiares, com o propósito de conceder aos moradores uma devolutiva dos principais resultados da pesquisa. Para esses camponeses, seguir as fases da Lua é garantia de maior rendimento na produção, aproveitamento da potencialidade da madeira, cicatrização de animais, nascimentos mais saudáveis dos pintinhos etc. Ou seja, seguir as fases da Lua significa *respeitar/ser responsivo* com o tempo, uma temporalidade, da natureza, dos seres vivos, dos camponeses e da terra.

**Palavras-chave:** Comunidade Jardim; conhecimentos tradicionais; Lua; epistemologias do Sul; Educação do Campo.

## TRADITIONAL KNOWLEDGE ABOUT THE MOON IN THE GARDEN COMMUNITY:

recognizing knowledge to affirm rights

### Abstract

The social practices developed in the daily life of the peasants are populated with diverse knowledge produced through deep observations of the natural world, transmitted and reworked from generation to generation. This work aimed to build an intercultural mapping of traditional knowledge related to the influence of the Moon on social practices developed by residents of the Jardim Community, in the municipality of Rio Pardo de Minas, in the northern region of the state of Minas Gerais. The methodology of qualitative research and construction of the intercultural mapping of traditional knowledge was adopted and to obtain the information, three semi-structured interviews were conducted with residents of the community. Finally, a presentation was made in the hall of the Association of Small Family Farmers, with the purpose of giving residents a feedback on the main results of the survey. For these peasants, following the phases of the Moon is a guarantee of greater yield in production, taking advantage of the potential of wood, healing of animals, healthier births of chicks, etc. In other words, following the phases of the Moon means respecting / being responsive with time, a temporality, of nature, of living beings, of peasants and of the earth.

**Keywords:** Community Garden; traditional knowledge; Moon; epistemologies of the South; rural education.

## CONOCIMIENTOS TRADICIONALES SOBRE LA LUNA EN LA COMUNIDAD JARDIM:

reconociendo conocimientos para afirmar los derechos

### Resumen

Las prácticas sociales desarrolladas en la vida cotidiana de los campesinos están pobladas de conocimientos diversos producidos a través de observaciones profundas del mundo natural, transmitidos y reelaborados de generación en generación. Este trabajo tuvo como objetivo construir un mapeo intercultural del conocimiento tradicional relacionado con la influencia de la Luna en las prácticas sociales desarrolladas por los habitantes de la Comunidad Jardim, en el municipio de Rio Pardo de Minas, en la región norte del estado de Minas Gerais. Se adoptó la metodología de investigación cualitativa y construcción del mapeo intercultural de saberes tradicionales y para obtener la información se realizaron tres entrevistas semiestructuradas con residentes de la comunidad. Finalmente, se realizó una presentación en el salón de la Asociación de Pequeños Agricultores Familiares, con el propósito de brindar a los residentes una retroalimentación sobre los principales resultados de la encuesta. Para estos campesinos, seguir las fases de la Luna es garantía de mayor rendimiento en la producción, aprovechando el potencial de la madera, curación de animales, partos más saludables de polluelos, etc. En otras palabras, seguir las fases de la Luna significa respetar / ser receptivo con el tiempo, una temporalidad, de la naturaleza, de los seres vivos, de los campesinos y de la tierra.

**Palabras clave:** Comunidad Jardim; conocimiento tradicional; Luna; epistemologías del sur; educación rural.

### INTRODUÇÃO

*A injustiça social global está, desta forma, intimamente ligada à injustiça cognitiva global. A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal. (SANTOS, 2009, p. 31-32).*

Este texto é resultado de percurso formativo do primeiro autor no tema, que se inicia num primeiro momento como bolsista de iniciação científica e culmina em seu trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMTM). A pesquisa teve como objetivo construir um mapeamento intercultural dos conhecimentos tradicionais relacionados à influência da Lua em práticas sociais desenvolvidas por moradores da Comunidade Jardim, no município de Rio Pardo de Minas, região Norte do estado de Minas Gerais. Além disso, foi desenvolvida uma ação para o reconhecimento e valorização desses saberes na comunidade.

Construir um mapeamento intercultural de conhecimentos tradicionais é bem mais que um resgate de saberes silenciados pela ideologia da modernização (ALENTEJANO, 2012) em comunidades do campo. Trata-se de estratégia de reconhecimento intercultural de modos de pensar e agir sobre e com o mundo, em outras palavras, de afirmar outras epistemologias que não a ocidental: as epistemologias do Sul (SANTOS, 2019). Esse mapeamento se propôs a reconhecer os saberes dos moradores do campo, de seu ponto de vista, orientado pela alteridade, entender de que modo eles os empregam em suas práticas sociais, refletindo suas identidades, seus modos de vida e suas experiências de resistência.

As epistemologias do Sul referem-se à produção e validação de conhecimentos ancorados em experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas de injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. [...] O objetivo das epistemologias do Sul é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com suas próprias aspirações. (SANTOS, 2019, p. 17).

A ecologia de saberes afirma-se como alternativa à monocultura da ciência moderna: “é uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia” (SANTOS, 2009, p. 44-45). Se há uma epistemologia geral que governa a ecologia de saberes, ela toma como pressuposto a impossibilidade de uma epistemologia geral – o conhecimento é entendido como interconhecimento. Assim, o reconhecimento da diversidade cultural passa, necessariamente, pelo reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo (SANTOS, 2009, 2019).

Buscar essas práticas sociais orientadas pelos conhecimentos tradicionais na Comunidade Jardim é um esforço para demonstrar para a universidade e para a sociedade que esses conhecimentos são atuais, empregados hoje e não são coisas do passado. Além disso, são diariamente experimentados e testados pelos camponeses e, quando necessário, adaptados e modificados, pois tratam-se de saberes dinâmicos. No entanto, não se pretendem universais, pelo contrário, têm validade local, dependem do seu contexto, são mais holísticos, admitem outras dimensões da experiência humana tal como a espiritualidade. Assim, são diferentes, podendo ser complementares, aos conhecimentos da ciência ocidental (SANTOS, 2009, 2019; ARGUETA, 2015; AUTOR 2 et al., 2019; LUDWIG; EL-HANI, 2020).

Este estudo está inserido em um programa mais amplo de pesquisa que pretende compreender as relações entre os conhecimentos tradicional e científico que emergem de práticas sociais do campo, bem como caracterizar suas contribuições para formação de professores em uma perspectiva intercultural em ciências (AIKENHEAD; MICHELL, 2011; AUTOR 2; AUTOR X, 2014; FRANCO; RAMÍREZ, 2016; AUTOR 2 et al., 2017; AUTOR 2 et al., 2019).

Nesse contexto traçamos nossa questão pesquisa: “quais são os conhecimentos tradicionais relacionados à Lua e de que modo são empregados em práticas sociais desenvolvidas pelos moradores da Comunidade Jardim?”. Para respondê-la, o primeiro autor se apropriou das vantagens de ser um *insider*, um pesquisador que reside no campo da pesquisa, com o potencial de acessar significados que os moradores atribuem às suas práticas e as suas vivências como um nativo e não como um estrangeiro.

Inicialmente, abordamos o conceito, a importância e as marcas/características dos conhecimentos tradicionais, entendidos como discursos. Em seguida, passamos à exposição dos principais aspectos socioculturais da Comunidade Jardim. Na sequência, apresentamos os percursos metodológicos que culminaram no mapeamento intercultural dos conhecimentos tradicionais relacionados à Lua, a apresentação propriamente do mapeamento realizado e no relato da experiência de devolutiva, isto é, do retorno à comunidade com os resultados da pesquisa.

## OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Compreendemos o conhecimento tradicional como discurso associado às práticas sociais, que têm sua gênese na tradição e luta populares, comumente transmitido pela oralidade e, predominantemente, organizado pelo modo narrativo. Há, portanto, uma relação indissociável entre os discursos ou conhecimentos que adjetivamos como tradicionais e as práticas sociais desenvolvidas em comunidades, no nosso caso, as do campo. Cabe reafirmar a dimensão social dessas práticas uma vez que sua recorrência não se dá de modo arbitrário, neutro e isolado. Pelo contrário, práticas sociais são ideológicas, têm sua história, estão envolvidas em relações de poder e fazem parte do mundo simbólico e cultural das suas comunidades de origem. Ou seja, a prática social de plantio e colheita de mandioca, por exemplo, não se explica sozinha, tampouco pelos agricultores que desenvolvem essa atividade, mas sim, só podemos compreender a mandioca no contexto do semiárido mineiro de luta pela terra e por água, da agricultura familiar e da afirmação dos direitos dos povos do campo (BRANDÃO 2015; AUTOR 2 et al., 2019).

Em trabalho anterior (AUTOR et al., 2019) com o propósito de reconhecer os conhecimentos tradicionais presentes nos discursos de moradores do campo sobre práticas sociais que estão engajados, foram discutidas as principais características, que chamamos de marcas, destes conhecimentos (tabela 1).

Tabela 1: Marcas/características dos conhecimentos tradicionais

Conhecimentos Tradicionais	
Local	Fortemente demarcado pela relação entre a identidade e o espaço (território, terra como identidade) de pertencimento do sujeito. Assume uma relação mais profunda com o espaço, dependente do contexto, restrita, não generalizável.
Monista	Considera a realidade ( <i>espíritual e física</i> ) como um todo. Não assume dualismos tais como: mente x corpo, sujeito x objeto, natureza x cultura, material x não-material.
Holístico	As partes mantêm inter-relações com o todo e não podem ser isoladas. Também se refere a um equilíbrio/harmonia dos aspectos mental, espiritual, emocional e físico do ser. <i>Todas as partes da vida estão inter-relacionadas.</i>
Relacional Responsivo	O mundo das relações é responsivo e exige o exercício da alteridade. <i>Na medida em que experimentamos o mundo também somos vivenciados por ele. É um ato recíproco.</i>
(Des)conhecido	Constante fluxo na natureza que produz realidades compreensíveis e incompreensíveis. Não há a expectativa de compreensão de “tudo”. <i>Exercício da humildade.</i>
Validade	Validade baseada no conteúdo, seu contexto, e não na sua capacidade preditiva. Se usamos-existe-vive hoje, então é válido. Admite explicações divergentes. <i>Conhecimento da natureza como ela é e não como ela funciona.</i>
Dinâmico	Transformado de geração em geração, sempre contemporâneo. Não é uma repetição, as informações são experimentadas, comparadas e produzidas à “luz” de cada geração.
Sistematicamente empírico	Profunda observação e experimentação do mundo natural
Temporalidade	Distintas temporalidades convivem harmonicamente: indissociáveis do sujeito; tempos cíclicos (não há início e fim).
Espiritualidade	Fluxo permanente de “algo” que perpassa os sujeitos, os fenômenos físicos e não físicos e tende a buscar equilíbrio e harmonia na existência. Diferente de religião ou paradigma concorrente ao da ciência.

Fonte: Sistematização das características dos conhecimentos tradicionais inspirada no trabalho de Aikenhead e Michell (2011) com populações aborígenes adaptada aos conhecimentos tradicionais de populações do campo (AUTOR 2 et al., 2019).

Do nosso ponto de vista, reconhecer as marcas dos conhecimentos tradicionais associadas às práticas sociais de comunidades do campo fazem parte de um esforço de descentramento cultural, de reconhecimento de outras formas de pensar e agir sobre e com o mundo e de dar

potência epistêmica aos discursos subalternizados/invisibilizados, isto é, da construção da ecologia de saberes e da tradução intercultural (SANTOS, 2009, 2019).

## A COMUNIDADE JARDIM

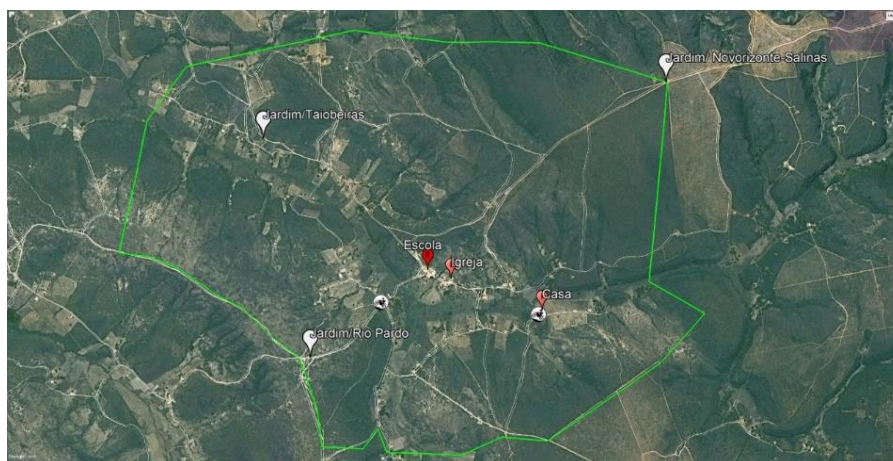
A Comunidade Jardim localiza-se no município de Rio Pardo de Minas, Norte de Minas Gerais, situado na microrregião de Salinas (MG). Região de alta biodiversidade, com fauna e flora típica de paisagens do Cerrado em transição com a Caatinga e de grande riqueza cultural de suas populações no convívio com seu território. A distância até a capital do estado é de 496 km (em linha reta, pois por vias rodoviárias chega a quase 700 km). O município é atravessado pelos rios Pardo e Preto, seu aspecto geral é montanhoso, próximo a Serra Geral e tem como municípios limítrofes Montezuma, Vargem Grande do Rio Pardo, Indaiabira, Taiobeiras, Salinas, Novorizonte, Fruta de Leite, Serranópolis de Minas e Mato Verde (IBGE, 2020).

Atualmente a Comunidade Jardim encontra-se *encurralada* pela monocultura de eucalipto que veio para a região no início da década de 1970 por parte dos grandes empresários e projetos governamentais e estaduais com o intuito de proporcionar na região o chamado “desenvolvimento”. Mas como descreve Nogueira, esses acontecimentos foram realizados com base na grilagem de terras:

Gerais, grosso modo, pode ser entendido como sinônimo de Cerrado, paisagem que, no Norte de Minas Gerais, teve grande parte de sua extensão convertida em maciços de eucalipto, desde a década de 70. O plantio empresarial de eucalipto implicou em expropriação, grilagem de terras comunais e grande impacto ambiental, com a redução da oferta de água, frutos nativos, ervas medicinais e madeira, com a redução da oferta de água, frutos nativos, ervas medicinais e madeira. (NOGUEIRA, 2009, p. 15).

Como ilustra o mapa a seguir (Figura 1), Jardim é um local *encurralado* pela monocultura do eucalipto, observam-se as partes que se destacam mais na cor verde escuro e formas geométricas mais próximas de quadrados e retângulos correspondendo aos maciços de eucalipto plantado. As partes mais cinzentas correspondem ao local das terras mais baixas, lugar em que residem os camponeses e também às terras que são utilizadas para o desenvolvimento da agricultura familiar e demais atividades como as formas de lazer, atividades educacionais, reuniões, entre outras.

**Figura 1: Comunidade Jardim**



Fonte:

<https://www.google.com.br/earth/>, marcações do primeiro autor, 07/12/2020.

Atualmente, a Comunidade Jardim conta com 110 famílias<sup>1</sup> e aproximadamente 440 moradores. Está distante do centro do município de Rio Pardo de Minas por cerca de 40 km, distância média também de outras cidades como Taiobeiras. De Novorizonte a 25 km e Salinas a 50 km do centro (as saídas para cada uma delas são destacadas na Figura 1).

No decorrer dos anos, a comunidade passou por grandes transformações, especialmente com a chegada da energia elétrica no ano de 2002. A partir desse ano, gerou na comunidade um grande avanço em todos os aspectos, principalmente na produção do polvilho (fécula de mandioca) que tinha todas suas etapas de produção realizadas de modo manual. Mas isso não tirou o caráter artesanal da produção, pois do plantio a comercialização do polvilho continuam nas mãos das famílias.

A agricultura familiar é a principal fonte de renda para a maioria dos moradores, mesmo com as dificuldades encontradas como a escassez hídrica decorrente da concentração do plantio dos eucaliptos na região e o período de chuvas que sofre muitas variações. Os produtores da Comunidade Jardim realizam suas plantações em tempos das grandes chuvas, que ocorrem durante o mês de outubro e que se prolonga até o mês de março, período classificado pelos moradores como melhor época para o plantio. Mas se ocorrer a falta dela em datas cruciais, no crescimento da planta e no momento da florada, por exemplo, há a perda da lavoura. Quando nessas datas há chuvas adequadas, os produtores realizam uma boa colheita.

Até o ano de 2010 corria água livremente no rio Ponte Grande que atravessa a comunidade e ela era usada por todos. Mas, aos poucos, o rio praticamente secou, apenas no período das chuvas corre alguma água por seu antigo leito. Como forma de sobreviver à escassez, a população apropriou-se de cisternas manuais feitas em áreas mais umedecidas e próximas dos córregos onde existiam os rios. Uma parte dos moradores encomendam a perfuração de poços artesianos, mas tem suas desvantagens como a extinção das cisternas manuais e o alto custo da perfuração (em média 15 mil reais por poço) que nem todos conseguem pagar.

Mesmo com a dependência crescente dos moradores pelo acesso à água, uma das principais características da Comunidade Jardim é a partilha e a união, ninguém nega o acesso do outro a água em suas cisternas, permanecendo essa prática até a chegada da época das águas.

Os poucos moradores assalariados da Comunidade Jardim são os que trabalham na escola e no transporte escolar. Além da renda de aposentadoria, alguns moradores recebem benefícios sociais como o Bolsa Família. O restante da população tem sua fonte de renda vinda de seus trabalhos no campo, em que trabalham a família inteira ou os diaristas, safristas e ambulantes que desenvolvem atividades conforme a demanda.

Um cultivo que se destaca é o da cana-de-açúcar. Essa matéria prima na Comunidade Jardim é de suma importância para manter as pequenas fábricas de cachaça. Os proprietários, além de suas próprias plantações, realizam compras de outras lavouras para essa produção. Outra produção que se destaca como renda dos moradores é a produção da farinha e do polvilho, produtos ambos vindos da mandioca. Ela é plantada nas áreas mais baixas porque nas chapadas, áreas mais planas e altas, estão tomadas pelos eucaliptos. Como o clima em todo o município de Rio Pardo de Minas é mais seco, os produtores do Jardim apropriaram-se bem desse cultivar porque resiste a tempos de grandes secas.

Plantações de feijão, milho, entre outros cereais são produzidos pela maioria das famílias para próprio consumo, com intuito de economizar ao máximo na feira e, principalmente, evitar

---

<sup>1</sup> Esta informação e as que seguem até o final da seção são provenientes das vivências do primeiro autor deste trabalho, um *insider*/nativo da comunidade que participa ativamente da vida comunitária: do trabalho no campo, das festas e de sua organização, da associação dos pequenos agricultores, dentre outras atividades e formas de organização coletiva.

alimentos que sejam “modificados” e assim ter uma alimentação mais saudável. Essa luta por uma alimentação mais saudável está sendo cada vez mais complicada para os moradores do campo. Para cultivar é preciso ter sementes, mas as que são vendidas muitas vezes são geneticamente modificadas. Hoje, na Comunidade Jardim, os produtores dependem de sementes para realizar suas roças, infelizmente não são sementes nativas ou crioulas, acarretando que todos os anos é necessário a compra de novas sementes. Mesmo com essa dependência, os pequenos produtores não utilizam agrotóxicos em suas lavouras e se apoiam muito nos adubos orgânicos, tendo destaque o esterco dos bovinos.

Um dos pontos fortes e que engajam os moradores são as festas realizadas todos os anos, tanto pela Igreja Católica como pela Associação dos Pequenos Produtores Rurais. As festas mais tradicionais são as de São João, realizadas todos os anos no decorrer do mês de junho por diversas famílias. Mas a que traz diversas pessoas é a realizada pela Associação Comunitária, cujo propósito é a arrecadação de fundos para ações em prol do bem comum tais como reformas em espaços como a igreja e a associação, ajudar algum morador em dificuldades financeiras ou com alguma enfermidade. Esta é, de modo geral, uma breve caracterização da vida na Comunidade Jardim.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para nossos percursos metodológicos optamos pela pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2014) porque ela tem o potencial de dar voz ao sujeito pesquisado, o camponês, morador da Comunidade Jardim, em outras palavras, a pesquisa qualitativa abre a possibilidade de “dar poder aos indivíduos para compartilharem suas histórias, ouvir suas vozes e minimizar as relações de poder que frequentemente existem entre um pesquisador e os participantes de um estudo” (p. 52).

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi o de construir um mapeamento intercultural dos conhecimentos tradicionais relacionados à Lua em práticas sociais desenvolvidas por moradores da Comunidade Jardim. E deste objetivo desdobraram-se outros a seguir: i) levantar as práticas sociais que utilizam as fases lunares como orientação seja do plantio, colheita, criação de animais, corte de madeira, dentre outras na Comunidade Jardim; ii) discutir as principais características dos conhecimentos tradicionais sobre a Lua que são empregados na Comunidade Jardim; iii) desenvolver uma ação para reconhecimento destes saberes pela comunidade.

Chamamos o mapeamento que será elaborado de *intercultural* pois, em primeiro lugar, é um exercício de tradução intercultural imprescindível para afirmação da ecologia de saberes e das epistemologias do Sul (SANTOS, 2009, 2019). Intercultural também porque buscamos expor o ponto de vista dos sujeitos da pesquisa e suas explicações diante do que acontece em suas rotinas diárias sem o julgamento por outro sistema de referência como da ciência ocidental.

Além disso, o primeiro autor, enquanto pesquisador-morador da comunidade, uma pessoa de dentro (um insider), teve a oportunidade de aprofundar na compreensão do cotidiano dos camponeses que podem não se manifestar em meio a uma entrevista, trazendo outros aspectos de suas maneiras de pensar e viver através do diálogo com suas próprias vivências.

Em um primeiro momento foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, e posteriormente chegamos em três, as quais foram gravadas em áudio com consentimento dos entrevistados, e depois transcritos trechos das interações produzidas que mostraram de modo mais evidente o uso dos conhecimentos tradicionais sobre a Lua nas práticas desenvolvidas pelos moradores da comunidade.

Em seguida, a partir do levantamento realizado, foram discutidas as principais características dos conhecimentos tradicionais sobre a Lua que são empregados na Comunidade Jardim. Apoiados no quadro analítico das marcas dos conhecimentos tradicionais como

instrumento de análise das informações obtidas, como a seguir: local, monista, holístico, relacional responsivo, (des)conhecido, validade, sistematicamente empírico, temporalidade e espiritualidade (AUTOR 2 et al., 2019).

Após realização do mapeamento intercultural, desenvolvemos uma ação para reconhecimento destes saberes pela comunidade, trazendo para os protagonistas dessa pesquisa uma caracterização dos conhecimentos desenvolvidos ao longo de suas vivências por meio de um banner que foi apresentado pelo pesquisador no encontro da Associação da Comunidade, no mês de novembro de 2019.

## O MAPEAMENTO DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Os principais pilares dessa pesquisa são os conhecimentos tradicionais associados às práticas sociais dos camponeses da Comunidade Jardim que nos conduziram em buscar em três membros da comunidade, reconhecidos pela experiência no trabalho com a terra e a participação comunitária, informações sobre as práticas sociais e os conhecimentos associados a elas que usam as fases lunares como orientação. Os nomes descritos são fictícios para preservar a identidade e evitar algum tipo de constrangimento dos sujeitos entrevistados.

O primeiro entrevistado foi o senhor Carlos, emérito em relação aos conhecimentos tradicionais nas práticas sociais do campo, atualmente está com 78 anos de idade. Nos dias atuais, o senhor Carlos divide seu tempo em orientações de práticas agrícolas para interessados que vão até a sua residência para conversar a respeito e visitas nas famílias próximas que o consultam sobre dúvidas no plantio de frutíferas e hortaliças. Também participa do coral da igreja católica, além de realizar pregações.

[...]

**Entrevistador:** Para realizar o plantio da mandioca, o senhor seguia as fases da Lua ou poderia ser em qualquer época?

**Carlos:** Não, tudo quanto que você vai plantar é no mingunte, que no crescente sai mais forte, mas a manaíba se plantar no crescente ela nasce e cresce duma vez, mas dá pau da mandioca demais.

**Entrevistador:** Ah, enche de pau a mandioca.

**Carlos:** É e no mingunte não dá, ela custa, dá para fazer desenrolar, mas a mandioca é só mandioca mesmo, até a farinha, essa prensa que eu tenho aqui de massa boa mesmo, aí que vem a Lua pro crescente né, no crescente ela dava 18 prato de farinha cada prensada dela, no mingunte 14.

**Entrevistador:** Então é o contrário do plantio, planta no mingunte e colhe no crescente?

**Carlos:** É. Plantio é no mingunte, colheita no crescente. E é tudo quanto, feijão catador, que de primeiro [ele quer dizer antigamente] a gente usava demais, se plantasse ele no crescente cê não tinha direito de nem produzir, virava lagarta pura, dava bom demais, mas virava lagarta pura.

**Entrevistador:** Nesse caso tinha que plantar no mingunte.

**Carlos:** No mingunte e assim por diante.

O senhor Carlos é um dos moradores mais valorizados dentro na comunidade, um dos motivos são suas experiências em relação a produção do polvilho. O que se destaca em sua fala é a sua profunda observação e experimentação do lugar onde vive (*sistematicamente empírico*), como no trecho selecionado em relação a produção da farinha: a Lua crescente traz um melhor rendimento no subproduto final da mandioca; mingunte resulta em menor produção. Além disso, o que se observa neste trecho é uma distribuição das práticas sociais em torno da mandioca entre as quatro



fases da Lua, compreendidas em dois grandes períodos, tempos (*temporalidade*) que organizam o plantio, a colheita e a produção dos seus derivados.

Para esses camponeses, a influência da Lua sobre as plantações não é determinada em si pelo dia exato que corresponde às quatro fases da Lua: nova, quarto crescente, cheia e quarto minguante. É como se existissem basicamente dois períodos: um no qual a Lua cresce, do dia em que inicia ou um dia após a Lua Nova, passando pelo quarto crescente até o dia de Lua Cheia (Lua forte); e outro no qual a Lua mingua, do dia em que inicia ou um dia após a Lua Cheia, passando pelo quarto minguante, até a Lua Nova (Lua fraca) (AUTOR 2 et al., 2017).

Como mostrado por Carlos, a Lua fraca é a melhor fase para realizar os plantios; para a colheita já é a Lua forte. Nas plantações de cereais na Comunidade Jardim, um dos grandes problemas encontrados pela agricultura familiar são as lagartas, principalmente pelos novos produtores. Ataque esse justificado por Carlos, através das suas plantações de feijão catador, ao se referir, “dia primeiro a gente usava demais”, ele refere-se as suas atividades passadas e que nos dias atuais não se realizam mais, o “dia primeiro” não retrata dia de mês ou de determinado ano específico, mas sim uma prática desenvolvida em outros tempos, o que nos mostra que esse conhecimento é *dinâmico*, ou seja, é transformado de geração em geração, sempre contemporâneo. Não é uma repetição, as informações são experimentadas, comparadas e produzidas à “luz” de cada geração.

A segunda entrevista foi realizada com a senhora Alice, de 67 anos de idade, esposa do senhor Carlos, que veio para a Comunidade Jardim após o seu casamento aos 20 anos de idade. Nascida em Vereda Funda, outra comunidade da região, sempre trabalhou na agricultura familiar com o seu pai, com diversas atividades agrícolas, com destaque para o plantio da mandioca. Após seu casamento com o senhor Carlos iniciou sua nova etapa de vida na Comunidade Jardim. Ela sempre trabalhou com plantios e atualmente exerce essas atividades como o plantio de mandioca, milho e feijão, mas em pequena quantidade para o consumo de sua família.

[...]

**Entrevistador:** A Lua influencia nos animais como na criação de pintinhos?

**Alice:** Diz que um moço que explicou pra Cido que quando ele por galinha para chocar, que ele ponhe com 3 dia de Lua nova, [...], não faltando 3 dias para ser cheia por pra chocar e se ponhe ela pá chocar com 3 dia de Lua nova, ela tira os pintinho e tira duma vez, tira rápido nem que não vinga tudo mas tira rápido.

**Entrevistador:** Então é 3 dias de Lua cheia para sair os pintinhos com 3 dias de Lua nova?

**Alice:** É com 3 dias de Lua nova a galinha tira os pintinhos, aí que se pôr para tirar no minguante fica tirando os pouquinho e os pintinhos fica morrendo no ninho, né, e na nova, é tirando na nova, eles tira rápido.

**Entrevistador:** Ah, então na nova tira rápido e no minguante demora mais?

**Alice:** Demora mais e é danado para morrer por que ele fica fraco, né, e isso aí o moço explicou pra Cido, [...] mas eu já sabia disso, punhasse com 3 dia de Lua cheia para tirar na nova.

Há nesses conhecimentos transmitidos observações profundas do mundo natural (*sistematicamente empírico*) para o nascimento saudável de pintinhos. O ciclo indicado para chocar inicia-se na fase da Lua Forte, finalizando com o nascimento dos pintinhos de forma rápida e saudável após aproximadamente 15 dias. Mas caso seja realizado na fase na Lua fraca, será necessário maior tempo para os nascimentos, ocasionando assim uma desova irregular dos pintinhos.

A terceira e última entrevista foi realizada com o morador Luiz, atualmente está com 48 anos de idade, um camponês que sempre morou desde sua infância até os dias atuais na

Comunidade Jardim, exercendo diversas práticas. Atualmente sua principal prática para garantir o sustento de sua família é a fabricação de caixas de banana, em uma pequena serralheria ao fundo de sua residência. Além desta, Luiz realiza outras atividades tais como: consertos mecânicos de veículos de duas e quatro rodas e motosserras. No período de novembro a fevereiro, juntamente com sua família, são realizadas plantações de milho e feijão para o consumo familiar, além de cultivares como cana-de-açúcar e lampier (capim elefante) utilizado como alimento para uma pequena criação de bovinos no período de julho a novembro, devido serem meses críticos de seca e com pouca pastagem para a alimentação dos bovinos.

Como Luiz trabalha diariamente em processamento de madeira, expomos aqui o trecho em que aborda esse tema:

**Entrevistador:** Em relação ao corte de madeira, contém uma técnica específica, que utiliza as fases da Lua para cortar?

**Luiz:** Se for uma madeira de utilidade por exemplo, para casa, o que for têm.

**Entrevistador:** E qual seria?

**Luiz:** No minguante, porque no minguante a madeira é mais enxuta, tem menos água e racha menos.

**Entrevistador:** Nesse caso por causa desses três fatores?

**Luiz:** É, então a madeira tem menos água, a capacidade dela de inseto é bem menos.

**Entrevistador:** E se for cortada em outra época?

**Luiz:** Se for cortado no crescente ela é cheia de água, racha muito e a possibilidade dela dá inseto e estraga é bem mais também.

Como já mencionado, a principal atividade econômica do senhor Luiz é a produção de madeiramento para casas e caixotes para bananas. O entrevistado se apropria da influência da Lua apenas para o corte do madeiramento de casas por exigirem maior qualidade e durabilidade. Já para a fabricação de caixotes de banana não é necessário seguir as fases da Lua. Para maior durabilidade da madeira cortada é de suma importância que o marceneiro domine o apresentado por Luiz: saber a época (*temporalidade*) adequada para que a madeira tenha “menos água” para garantir uma melhor resistência, menos rachadura e menor ataque de pragas (*sistematicamente empírico*).

[...]

**Entrevistador:** No corte de madeira tem alguma experiência que comprova o que o senhor falou?

**Luiz:** Tem, tenho experiência própria, tendo o outro lado o corte da madeira que você vai utilizar para madeiramento de casa, por exemplo, o certo é cortar e descascar, que aí não dá inseto, o maior problema do inseto é na água da madeira, então na água azeda nas cascas da madeira, aí vem o inseto e aí descascando ela na hora que derruba tira, a água mais é na casca, é a casca que segura a água.

**Entrevistador:** Nesse caso são dois fatores que ajudam a melhorar a madeira, o corte no minguante e a descascada da madeira?

**Luiz:** E a descascada da madeira, a madeira que vai utilizar para o consumo próprio a recomendação é derrubar e descascar.

Um dos pilares que constroem e torna os conhecimentos tradicionais mais fortes nas diversas comunidades do campo são as diversas experiências realizadas por cada camponês. Luiz fala com propriedade da prática social que domina, o corte de madeiras. Seu conhecimento é válido porque funciona (*validade*) e é resultado da sua observação e intervenção (*sistematicamente empírico*) sobre a matéria-prima de seu trabalho. A prática social do corte de madeiras como outras mencionadas pelos entrevistados carregam conhecimentos locais (*local*) que são profundamente dependentes do contexto e possuem forte enraizamento com as culturas e as identidades dos moradores do campo.

Nesse contexto, levando em consideração as práticas sociais discutidas nas entrevistas e sua orientação pelas fases lunares, apresentamos a seguir uma tabela síntese (Tabela 2):

**Tabela 2** – Práticas sociais da Comunidade Jardim e a influência lunar

Práticas sociais		Lua apropriada	Observações
Plantio	Mandioca e batata	Fraca	Caso o produtor plante em fase de Lua forte, os pés terão maior crescimento com mais folhas, mas com raízes pouco desenvolvidas.
	Cana-de-açúcar	Fraca	-----
	Feijão e milho	Fraca	Caso for plantado no forte, os pés terão um bom desenvolvimento, mas a produção final ficará sujeita a maior ataque de carunchos e lagartas.
	Frutíferas	Fraca	Se plantar no forte, as frutíferas desenvolvem rapidamente, mas irão demorar para dar frutos.
	Hortaliças	Fraca	Caso contrário, os alhos irão murchar, a cebola não irá desenvolver, as que são tubérculos terão mais folhas.
Colheitas e produção de derivados	Farinha e polvilho	Forte	Na Lua forte a colheita e produção dos derivados é maior.
	Rapadura	Forte	Se realizar na fase contrária, haverá diminuição da produção final.
	Mandioca	Forte	Se realizar a colheita na fase contrária, haverá uma diminuição dos seus derivados.
	Feijão	Fraca	Caso contrário, ocorrerá mais ataques de carunchos.
	Cana-de-açúcar	Forte	Caso contrário, a brota não irá desenvolver com qualidade.
Castração de animais e nascimentos de pintinhos.	Bovinos e suínos	Fraca	Se ocorrer a castração no forte, os cortes irão demorar para cicatrizar, além de ocorrer maior risco de inchaço. Fraca, melhor cicatrização e não corre risco de inchaço.
	Chocar ovos	Forte, especificamente 3 dias de Lua cheia	Se colocar para chocar na fase contrária, os pintinhos terão um nascimento retardado e irregular, não nascerão todos juntos.
Corte de madeira e poda	Cortar madeira para construções	Fraca	Caso cortar madeira no forte, não terá uma boa qualidade, devido a grande quantidade de seiva ao longo do caule e terá mais ataques de cupins para madeira de cobertura.

	Podas de plantas	Fraca	Se podar no forte, as plantas germinam rapidamente, mas sem força.
--	------------------	-------	--------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

## RECONHECENDO SABERES PARA AFIRMAR DIREITOS: A DEVOLUTIVA NA COMUNIDADE JARDIM

Desde o início do trabalho, uma questão além daquela de pesquisa nos motivou: de que modo obter informações e conduzir uma investigação para que o conhecimento produzido ao final ficasse para além das prateleiras das bibliotecas das universidades e do meio acadêmico mais restrito?

Como uma resposta a essa questão, introduzimos em um dos nossos objetivos da pesquisa uma devolutiva à comunidade com os principais resultados encontrados, que foi realizada no dia 9 de novembro de 2019, no salão da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Jardim, mediado por um banner produzido para esse fim. Esse retorno teve como finalidade valorizar e reconhecer os conhecimentos tradicionais relacionados à influência da Lua nas práticas sociais mais centrais desenvolvidas por camponeses da localidade.

Foram destacados três pontos importantes aos moradores: o primeiro, a história da Comunidade Jardim, informação essa desconhecida pela maioria dos presentes e que após os esclarecimentos sobre sua fundação e o porquê do seu nome, expressaram em suas faces um olhar de surpresa e posteriormente aplaudiram.

O segundo ponto foi provocar nos presentes uma discussão sobre a influência da Lua nas suas práticas sociais, destacando a importância em realizar as plantações em fases adequadas, mas antes foi introduzida uma pergunta em relação aos plantios, “se eles notaram diferenças ou ataques de pragas em suas plantações?”. Alguns mencionaram ataques em suas plantações de milho, em determinadas colheitas apresentavam mais lagartas que outras, nas de feijão ataque de carunchos após a colheita e outros mencionaram que em suas colheitas foram poucos ataques. Em seguida, foi mencionado as principais fontes de informações da pesquisa e posteriormente foram esclarecidas as dúvidas apresentadas.

Após uma fala do primeiro autor sobre as épocas indicadas para o plantio do milho e feijão, uma participante perguntou “e para as frutíferas? A Lua faz alguma influência?”. Para a resposta desta questão, foi dado um exemplo destacado no quadro das práticas sociais, dizendo que, segundo as informações recebidas de moradores da Comunidade Jardim, entrevistados da pesquisa, para plantar frutíferas é na Lua fraca. Caso plante no forte, os pés crescem muito e demora a produzir, posteriormente ela trouxe um exemplo de sua residência dizendo: “ah então é por isso, em casa eu plantei 3 caroços de manga, mas em tempos aleatórios, e um dos primeiros que plantei até hoje não produziu nada e os outros dois mais recentes, os pés ainda estão pequenos e estão produzindo”.

O terceiro propósito da apresentação foi mostrar para os ouvintes que ricos conhecimentos não são apenas os que são encontrados nos livros, nas salas de aulas que todos os dias os seus filhos estudam ou nas universidades, mas também em cada dia de nossas vidas, nas conversas com os amigos, nas lavouras de cana-de-açúcar, nos longos dias de trabalho braçal com enxadas realizando a capina de suas lavouras, nos ensinamentos que nossos pais nos proporcionam diariamente, todas essas formas e dentre outras são ricas fontes de obter conhecimentos.

Posteriormente, em um encontro informal com uma participante da devolutiva em sua residência no dia 26 de novembro, o primeiro autor foi surpreendido com seu depoimento, “o que

você falou na associação eu testei com uns ovos que eu tinha e olha para você ver, deu certo demais, os pintinhos nasceram ontem como você disse, fortes e saudáveis”, ela seguiu o passo a passo apresentado na reunião em relação ao chocar de ovos. Essa moradora foi mais um caso concreto na obtenção de resultados positivos em seguir as fases lunares, como também outros moradores que passaram a procurar o primeiro autor deste trabalho em busca de mais informações sobre as melhores de plantio da maniva (muda de mandioca), do milho, do feijão e da cana-de-açúcar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações obtidas pelas entrevistas demonstram a influência lunar em práticas sociais da agricultura familiar, nos cultivos e produção de derivados, o cuidado com as aves, bovinos e suínos, a castração, para o chocar de ovos. As informações obtidas e a análise apresentada neste trabalho, nos mostram que a Lua é como se fosse um *guia* para os pequenos agricultores da Comunidade Jardim, responsável por *comandar* as atividades agrícolas. Aos que “desobedecem” a suas fases são surpreendidos com perdas desagradáveis em suas produções e criações. Aos que fazem uso adequado das suas fases “ganham” como retorno melhores resultados em suas práticas desenvolvidas no campo.

Seguir as fases da Lua é fundamental para melhor rendimento da produção, aproveitamento da potencialidade da madeira, cicatrização de animais, nascimentos mais saudáveis dos pintinhos etc. Ou seja, seguir a fase da Lua significa respeitar/ser responsivo com o tempo, uma temporalidade, da natureza, dos seres vivos, dos camponeses e da terra.

O mapeamento intercultural, o reconhecimento das marcas/características dos conhecimentos tradicionais e a devolutiva na comunidade mostrou-se como importante estratégia de identificação, como também de validação pela comunidade, dos conhecimentos tradicionais da Comunidade Jardim, passo inicial, mas imprescindível para o reconhecimento de outras epistemologias que não a ocidental, as epistemologias do Sul, a tradução intercultural e a ecologia de saberes (SANTOS, 2009; 2019).

## REFERÊNCIAS

- AIKENHEAD, G., & MICHELL, H. **Bridging Cultures**: indigenous and scientific ways of knowing nature. Toronto, ON, Canada: Pearson, 2011.
- ALENTEJANO, P. Modernização da Agricultura. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- ARGUETA, A. Os saberes e as práticas tradicionais: conceitos e propostas para a construção de um campo transdisciplinar. In: UDRY, C. & EIDT, J. S. (Eds.). **Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal**. Brasília: Embrapa, 2015.
- AUTOR 2; AUTOR X. Título. **Revista**, v. 30, n. 3, p. 43-61, 2014.
- AUTOR 2 e OUTROS AUTORES. Título. **Revista**, 2(3), p. 836-860, 2017.
- AUTOR 2 e OUTROS AUTORES. Título **Revista**, 19, 275-297, 2019.
- BRANDÃO, C. R. A comunidade tradicional. In: UDRY, C. & EIDT, J. S. (Eds.). **Conhecimento tradicional: conceitos e marco legal**. Brasília: Embrapa, 2015
- CRESWELL, John W. O projeto de um estudo qualitativo. In: \_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

FRANCO, A. G.; RAMÍREZ, L. L. Diseño de Materiales para la Educación Científica Intercultural: El Cultivo de la Milpa en México como Ejemplo para el Diálogo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 16, n. 3, p. 851–870, 2016.

GOOGLE EARTH. **Comunidade Jardim** (Rio Pardo de Minas). Disponível em <https://www.google.com.br/earth/>. Acesso em 07/12/2020.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades**: Rio Pardo de Minas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pardo-de-minas/panorama>. Acesso em 16/03/2020.

LUDWING, D; EL-HANI, C. N. Philosophy of Ethnobiology: Understanding Knowledge Integration and Its Limitations. **Journal of Ethnobiology**, 40(1), p. 3-20, 2020.

NOGUEIRA, M. C. R. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais – ICS, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

RIO PARDO DE MINAS. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rio\\_Pardo\\_de\\_Minas&oldid=54245761](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rio_Pardo_de_Minas&oldid=54245761). Acesso em 07/12/2020.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, PT: Almedina, 2009.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

*Submetido dezembro de 2020  
Aprovado em fevereiro de 2021*

#### **Informações do(a)s autor(a)(es)**

Rodrigo dos Santos Crepalde  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
E-mail: rodrigo.crepalde@uftm.edu.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7025-7010>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2297262157782323>

Diones Ferreira Carvalho  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
E-mail: dionesferreirarpm@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4868-4363>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9528786518232037>